

**A POESIA AFRO-BRASILEIRA COMO SUBSÍDIO PARA SE
PENSAR SOBRE A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL**

Patrícia Karla de Moraes (UFT)

morais.patricia@uft.edu.br

Márcia Maria Soares de Sousa Santos (UFT)

marciamarianp@hotmail.com

Walace Rodrigues (UFT)

walace@edu.uft.br

RESUMO

Este artigo busca realizar uma análise sobre o uso da poesia afro-brasileira como contribuição para o conhecimento da história do negro no Brasil. Além de identificar os benefícios do ensino em sala de aula, como estratégia contra atitudes preconceituosas quanto à história do negro no Brasil. Metodologicamente teórico de cunho bibliográfico. A poesia possui em si uma carga de conhecimento singular, que necessita de um olhar diferenciado para ser compreendida, é por meio desse viés que seu uso como instrumento de informe quanto à história do negro no Brasil será de significativa relevância para o processo educacional e principalmente social.

Palavras-chave:

Conhecimento. Ensino. Poesia afro-brasileira.

RESUMEN

Este artículo busca analizar el uso de la poesía afrobrasileña como una contribución al conocimiento de la historia de los negros en Brasil. Además de identificar los beneficios de la enseñanza en el aula como una estrategia contra las actitudes prejuiciosas hacia la historia de los negros en Brasil. Naturaleza bibliográfica metodológicamente teórica. La poesía tiene en sí una carga de conocimiento única, que necesita una mirada diferente para ser entendida. Es por medio de este sesgo que su uso como herramienta para informar la historia de los negros en Brasil será de gran relevancia para el proceso educativo y especialmente social.

Palabras clave:

Conocimiento. Enseñanza. Poesía afrobrasileña.

1. Introdução

A poesia tornou-se um instrumento muito eficaz no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, pois através do desenvolvimento de atividades ligadas a sua utilização, os alunos tem entendido que não se trata apenas da fala romantizada e fantasiosa, mas busca além de uma reflexão, a compreensão de valores, a possibilidade de compreender a his-

tória de um povo e sua identidade sociocultural. A ação reflexiva que se faz com uso da poesia em sala de aula se converte em uma ação transformadora do pensamento do aluno, para que esse tenha um novo olhar diante de situações, culturas e da própria sociedade.

Por esse caminho a poesia afro-brasileira sendo estudada em sala de aula, possibilita um novo espaço para se falar e principalmente compreender sobre como o negro se sentia, como ele era visto, como se deu sua chegada até o Brasil, refletir sobre os traços poéticos dessa poesia tão singular. É sabido que o preconceito ainda existe e faz parte do meio educacional, a partir do momento que é introduzido em sala de aula conhecimentos próprios sobre determinada cultura e povo, se abre espaço para um melhor entendimento, ao se refletir sobre algo, há a mudança.

Partindo das discussões dos autores e documentos utilizados, pretendemos discutir sobre o uso da poesia afro-brasileira como suporte para estudo sobre a história do negro em sala de aula, visto que é necessário levar para as aulas esse conhecimento, não por que está regido na lei 10.639/2003 (torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação escolar), mas por ser essencial para o aluno conhecer sobre sua história por completo.

2. Caminhos poéticos para a descoberta de uma história negra

A poesia possui um papel que vai muito além de traduzir os sentimentos mais profundos que se encontram encobertos no íntimo do escritor, é muito mais que um simples texto, acrescido de rimas, estrofes e versos. Possibilita uma nova leitura da realidade, além de ajudar o aluno a ter um olhar diferenciado quanto à maneira que vê a literatura e seus gêneros. O poeta Octávio Paz (1982) nos traz uma definição a cerca da poesia:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem [...] Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva [...] Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. (PAZ, 1982, p. 15)

Destaca-se a relevância da poesia como instrumento didático, capaz de enriquecer o homem e torna-lo conhecedor de si e do universo ao

seu redor. A partir dessa premissa, iniciemos as abordagens sobre a poesia afro-brasileira e seu uso como instrumento de conhecimento da história do negro no Brasil. Inicialmente, deve-se compreender o que se entende por poesia negra, afro-brasileira ou afrodescendente, é aquela empenhada em falar do negro de forma que ele seja o autor principal, onde escreve sua história a partir das suas vivências, coloca seu olhar frente a tudo que já foi declarado sobre sua história, além de buscar entender o negro como ser humano, como indivíduo capaz de entender seu universo social e moral, que apesar dos momentos que passou com a escravidão, consegue se colocar como autor de sua própria história, sem se submeter a preconceitos relacionados a cor de pele, história, religião ou ideais.

O escritor Eduardo de Assis Duarte (2011), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), traz a definição sobre o termo afro-brasileiro. O professor Duarte nos diz que:

O termo *afro-brasileiro*, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural. De acordo com um pensamento conservador, poder-se-ia dizer que afro-brasileiros são também todos os que provêm ou pertencem a famílias mais antigas, cuja genealogia remota ao período anterior aos grandes fluxos migratórios ocorridos desde o século XIX. (DUARTE, 2011, p. 381-2)

Dessa maneira, podemos entender a poesia afro-brasileira como caminho para conhecimento do negro a partir de sua chegada em terras brasileiras, gênero literário que busca dar voz as vozes que duramente foram silenciadas durante o período escravocrata e ser ponte entre as vivências, histórias, lutas e o descobrimento de um novo indivíduo, aquele que se faz forte contra todo preconceito e desigualdade. Como Zilá Bernd (1987, p. 60) diz que “un cri de betêblessée.” Ou seja, o grito da fera ferida. Essa poesia retrata o grito de um ser humano que por muito tempo foi ferido e silenciado ao ser arrancado de sua mãe África e trazido a força para terras as quais não pertencia.

Para Bernd (1987), existe um mediador para que a poesia negra seja transmitida:

No plano literário o poeta surge como mediador e a poesia negra se reveste da função reveladora e integradora ao pôr a nu os signos escondidos e mostrar o mundo branco pelo avesso, criando assim um espaço dialógico no panorama da poesia brasileira. (BERND, 1987, p. 41)

E continua Bernd (1987, p. 82), “o compromisso primeiro do poeta é com a denúncia e o protesto contra as situações de discriminação que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ainda ocorrem na sociedade brasileira, devendo despertar, através da palavra poética, a consciência do negro para seus próprios valores.”Não se trata de uma poesia de cunho romantizada, mas voltada para o negro como autor principal de sua história.

A partir disse viés, Castro Alves (1847-1871), um dos maiores escritores da literatura brasileira, em um de seus mais conhecidos poemas “O navio negreiro” expressa a situação dos africanos ao serem arrancados de suas terras e jogados nesses navios como animais, sem nenhuma dignidade. Como destaca Alves:

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar... (ALVES, 1868, p. 194)

Esse trecho traz o sentimento de lamento, de um dia estar em sua nação, caçando leões, tendo sono tranquilo e agora se encontrar trancado em um porão “negro”, como o professor Wallace Rodrigues (2017, p. 106) define: “O adjetivo negro pode significar obscuro, sombrio, triste, difícil, fúnebre, tétrico, entre outros sentidos negativos.”. Em cada estrofe que se segue o escritor descreve as situações adversas sofridas pelos africanos, de maneira tão autêntica que o leitor tem a possibilidade de adentrar no próprio navio e ter a alma rasgada pela aflição, o medo, a angústia e todo descaso pelo humano que ali estava sendo transportado. Alves (1868, p. 195) continua: “E existe um povo que a bandeira empresta. P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...”; é de profunda consternação ter a bandeira da nação brasileira atrelada à tamanha atrocidade humana.

Jorge de Lima (1947), poeta que dentre muitos escritos, abordou a situação do negro, como sua humanidade foi violada, no poema “História”, ele traz a cruel realidade de uma princesa africana que foi vendida por um pedaço de espelho e teve seu corpo violado não apenas sexualmente, mas de maneira desumana. Lima diz:

Era princesa.
Um libata a adquiriu por um caco de espelho.
Veio encangada para o litoral,
arrastada pelos comboieiros.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Peça muito boa: não faltava um dente
e era mais bonita que qualquer inglesa.
No tombadilho o capitão deflorou-a.
Em nagô elevou a voz para Oxalá.
Pôs-se a coçar-se porque ele não ouviu.
Navio guerreiro? não; navio tumbeiro.
Depois foi ferrada com uma ancora nas ancas,
depois foi possuída pelos marinheiros,
depois passou pela alfandega,
depois saiu do Valongo,
entrou no amor do feitor,
apaixonou o Sinhô,
enciumou a Sinhá,
apanhou, apanhou, apanhou.
Fugiu para o mato.
Capitão do campo a levou.
Pegou-se com os orixás:
fez bobó de inhame
para Sinhô comer,
fez aluá para ele beber,
fez mandinga para o Sinhô a amar.
A Sinhá mandou arreentar-lhe os dentes. (LIMA, 1947, p. 223-4)

Aqui, é possível notar como acontecia a troca de escravos, por um simples caco de espelho, como pouco valia a vida do negro, mesmo possuindo um título “era princesa”, não teve a menor relevância, além da forma que era realizada a avaliação, pelos dentes, o fato de não estar faltando nenhum, significava que era uma “peça boa”. Dentro do navio perde toda a dignidade que poderia possuir, pois foi abusada, marcada e esquecida e ao adentrar em seu destino violência, crença em seus deuses e o castigo por se envolver com o sinhô, ter os dentes quebrados, o que lhe tornou uma “peça boa”, agora não poderia mais ser assim vista. O escritor José Carlos Limeira (1983), em seu poema “Entradas e serviços”, reforça a captura do negro:

Quando eles chegaram
eu estava absorto
no meu tempo
trabalhando ferro,
plantando,
fazendo
minhas próprias guerras.
Tinha as portas abertas
pois pouco sabia deles
entraram com suas armas
me tiraram da cama
justo quando descansava.
Me puseram correntes
e caminhei

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

os mares
no ventre fétido
de grandes barcos.
Cheguei em terras
que haviam tomado de outros
fiz tudo aqui
enquanto eles
de braços cruzados,
bebiam meu suor. (Limeira, 1983, p. 15)

O negro não foi convidado a entrar no navio negreiro que o trouxe para terras brasileiras, como é observado, ele teve seu direito invadido, seu direito de estar nas suas terras, em seu lar, com sua vida, lhe foi negado, lhe foi retirado a partir do momento que o “branco” o forçou a trabalhar para ele, sem perguntar ou justificar, como um objeto qualquer que não possui vontade própria.

Já Solano Trindade (1974), poeta brasileiro, que em seu poema “Sou negro”, afirma sua negritude e o orgulho que carrega por isso. Trindade diz:

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos atabaques, gonguês e agogôs
contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço plantaram cana
pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu. (TRINDADE, 1974, p. 162)

Aqui, um relato de como o negro era tratado, “mercadoria de baixo preço”, onde sua serventia era apenas servir ao senhor de engenho, mas que apesar dessa situação, soube trazer um pouco de alento de sua cultura para a solidão dos dias de escravidão. No último trecho desse poema Trindade (1974) traz algumas tradições do negro:

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação. (TRINDADE, 1974, p. 163)

É sabido que muitas das tradições existentes hoje no Brasil vieram dos negros trazidos da África, que para amenizar o sofrimento de seu cárcere nas senzalas praticavam seus rituais, danças e assim alimentavam o desejo de um dia serem libertos das amarras que os prendiam brutalmente e o anseio por seu retorno a sua terra natal. Porém, a senzala não

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

era um ambiente de festa e alegria. Limeira (1983), continua afirmando sobre suas tradições:

Seu tédio era tão grande
que ainda lhes dei
chula, samba, mambo
blues, rumba, calipso
jazz
para vê-los, pelo menos
mexer suas carcaças inertes. (LIMEIRA, 1983, p. 15)

Além de todo sofrimento vivido pelas vidas ali expostas, ainda encontravam forças para entreter seus senhores, que além da exposição como objetos de domínio, se submetiam a dançar e “festejar” para animar quem os assistia, algo que ocasionou na inserção de suas tradições a cultura brasileira existente.

Cruz e Sousa (2008) em seu poema “Da senzala”, coloca em suas linhas que a senzala é capaz de transformar o homem. Sousa diz:

De dentro da senzala escura e lamacenta
Aonde o infeliz
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta
Tornando meretriz
A alma que ele tinha, ovante, imaculada
Alegre e sem rancor,
Porém que foi aos poucos sendo transformada
Aos vivos do estertor...
De dentro da senzala
Aonde o crime é rei, e a dor – crânio abala
Em ímpeto ferino;
Não pode sair, não,
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...
e sim um assassino! (SOUSA, 2008, p. 68)

Ser arrancado de seu lugar, da sua família, forçado a aguentar um sofrimento diário, o trabalho brutal, sem ter sentido para viver ou sonhar em possuir seu próprio espaço, o que resta para o homem é a violência, a transformação forçada, caminhos de revolta e sofrimento. Dessa mudança, surge o anseio pela liberdade, pela luta, Limeira (1983) em seu poema “Quilombos” Memórias I:

*queria ver você negro
negro queria te ver
e Palmares ainda vivesse
em Palmares queria viver.
O gosto da liberdade
sentido
cravado*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no peito
correr,
sentir os campos
ter
a vida
Angola Janga
terra
de negros
livres
Ali toda vida
toda raça
raiva
vontade
África
África (tão subitamente roubada)
Sonhos (tão subitamente assassinados)
Liberdade (tão subitamente trocada pela escravidão). (LIMEIRA, 1983, p. 19)

O lamento existente nesses versos é claro, a dor que é posta pelo poeta quanto ao sentimento de inexistência do ser como livre, impossibilitado de sonhar ou ao menos ser quem um dia desejou se tornar, a liberdade torna-se uma utopia nessa realidade marcada pela escravidão. Na luta pela liberdade muitos fugiam para os quilombos em busca de um novo recomeço. Trindade (1974) conta em seu poema “Zumbi”:

Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será
Rei justo e companheiro
Morreu pra libertar
Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será se negro está lutando
Zumbi presente está
herói cheio de glórias
Eterno ele será
À sombra da gameleira
A mais frondosa que há
Seus olhos hoje são lua,
Sol, estrelas a brilhar
Seus braços são troncos de árvores
Sua fala é vento, é chuva,
É trovão, é rio, é mar. (TRINDADE, 1974, p. 165)

Zumbi foi um dos principais representantes do quilombo dos Palmares, conhecido por sua luta contra a escravidão e pela liberdade do culto religioso e pela prática da cultura africana no País, mas acaba sendo morto, porém sua luta não foi em vão, muito conseguiram fugir e viver um pouco da liberdade que ansiavam.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para fechar esse momento da escravidão Lima (1947) em seu poema “Olá! Negro” afirma sobre a herança que o negro carregara:

Os netos de teus mulatos e de teus cafusos
e a quarta e a quinta geração de teu sangue sofredor tentarão apagar a tua cor!
E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execranda,
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!
Pai-João, Mãe negra, Fulô, Zumbi,
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde,
negro cabinda, negro congo, negro ioruba,
negro que foste para o algodão de U. S. A.,
para os canaviais do Brasil,
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga
de todos os senhores do mundo;
eu melhor compreendo agora os teus blues
nesta hora triste da raça branca, negro! (LIMA, 1947, p. 263)

As marcas que ficaram atreladas a alma do negro não poderão ser retiradas tão facilmente, são marcas de luta, de dor, do desconhecido, do ser como invisível, da desumanidade, onde um se faz superior e senhor do outro, toma posse dos direitos e se torna carrasco, capaz de punir sem o mínimo de piedade e a cor da pele se transforma num castigo mortal.

A poesia afro-brasileira evidência com clareza todo processo de escravidão, da captura á libertação, um percurso que deixou rastros de sangue, suor, dor, sofrimento, morte e principalmente a descoberta de um povo forte, que aprendeu a lutar e redescobriu como sonhar á liberdade.

Poesia que por vezes é transformada em uma análise estrutural de versos, com foco na conceituação. Porém, o que se pode observar é como a poesia afro-brasileira é capaz de ressignificar a história do negro, pois nos traz uma reflexão sobre os sentimentos que estavam em torno dele, como era vivido cada situação. Haleks Marques Silva (2018, p. 511) diz que, “se a literatura parte da realidade para o papel, devemos agora traçar o caminho inverso.” Esse deve ser o papel da poesia, desenvolver uma reflexão, não apenas ser posta puramente no papel, mas realizar uma mudança de pensamento.

O professor ao tratar dessa poesia com seus alunos deve fazê-los adentrar numa nova descoberta da história do negro, não como ser inferior, mas de maneira a demonstrar sua luta e mostrar que antes mesmo de ser forçado a vir ao Brasil possuía uma história na África, sua história não se inicia na escravidão, mas muito antes dela ele já era alguém e lhe foi tirado esse direito de ser.

3. Considerações finais

Este texto buscou compreender sobre os caminhos que a poesia afro-brasileira pode levar, pois muito diferente do que se acredita ser a poesia, ela não pode estar atrelada apenas a conceitos de metrificacão, versificacão e estrofes, além disso, uma estratégia de descoberta do indivíduo, da sua história, do processo de construçãõ de ideais e por meio dela o professor é capaz de desenvolver no aluno reflexões significativas.

A poesia afro-brasileira traz o peso da história do negro ao ser trazido ao Brasil, sem romantizar ou ludibriar o leitor, de forma clara e real demonstra a cruel e desumana situação do negro, seus pensamentos, desejos, anseios e principalmente a dor de seu apagamento. Uma redescoberta do negro, na visão do poeta negro.

O uso da poesia afro-brasileira em sala de aula pode contribuir significativamente para o desenvolvimento dos alunos, tornando as aulas dinâmicas, com um maior aprofundamento do conteúdo, além de despertar a conscientização para questões voltadas quanto ao preconceito existente sobre a história do negro.

Para encerrar, acreditamos que as contribuições da utilização da poesia afro-brasileira como mecanismo de aprendizagem da história do negro se tornam de profunda relevância para uso do professor em sala de aula, pois aborda a visão do negro sobre sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Antônio de Castro. *Antologia Poética*. Est. Crit. De Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1847–1871. p. 296.

BERND, Zilá. *Negritude e Literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987.

CADERNOS NEGROS, 17: poemas / Esmeralda Ribeiro... *et al.* São Paulo: Anita. 1994. p. 79.

ÉLE. Semog; LIMEIRA, José Carlos de. *Atabaques*. Rio de Janeiro: Auto-edição. 1983. p. 172.

LIMA, Jorge de. *Obra poética*. Edição completa, em um volume. Org. Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Getulio Costa. 1829. Disponível em: http://www.editoraopirus.com.br/uploads/td/materiais/literatura/PoemasNegros_JorgeDeLima.pdf. Acesso em 16 out. 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PAZ, Octávio. *O arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, Wallace. Nosso negro passado e Vulnerabilidade social atual. In: *Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação*, V. 02, n. 01, p. 104-15, Out/Dez. 2017. Disponível em: <http://www.ojs.toledo.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/2596/246>. Acesso em 14 Out. 2019.

SILVA, Haleks M. Através da tolerância e do respeito à diversidade: uma educação para reeducar o homem atual. In: *Entreletras*, Araguaína-TO. V. 9, n. 2, p. 501-13, jul./set. 2018. Disponível em: <https://sistemmas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/4932/14377>. Acesso em 20 out. 2019.

SOUSA, Cruz e. *Obra completa: poesia*. Org. e estudo por Lauro Junkes. Jaraguá do Sul. Avenida. 2018. V. 1. p. 612.

TRINDADE, Solano. (1908–1974). *Poemas Antológicos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007. p. 168.